

EVANGELHOS APÓCRIFOS Gregos e latinos, vários autores, Edição bilíngue traduzida e comentada por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, 680 p., 978-6559215713.

Pedro Paulo Abreu Funari *

Há pouca difusão, hoje em dia, dos Evangelhos Apócrifos, ao contrário da sua secular divulgação e popularização, a ponto de que algumas de suas tradições tenham se generalizado, como a presença de animais no nascimento de Jesus ou a origem dos presépios. O nome Evangelhos Apócrifos mostra que são textos com boas novas (Evangelho) escondidas (este o sentido de apócrifo). Não foram incluídos no cânone como inspirados e sagrados, mas não deixaram de ser considerados instrutivos e mesmo úteis para a catequese. Em particular, em um par de temas: a vida terrena de Jesus e a vida de Maria, sua mãe. Em ambos os casos, para além da natural curiosidade de fieis, os evangelhos serviam como justificativa e apoio a práticas rituais e de culto. Frederico Lourenço, classicista e tradutor renomado, brinda-nos com uma edição primorosa e bilíngue (original grego ou latino e português). O volume estrutura-se em torno dos textos antigos (p. 18-500), comentários (p. 501-664), um apêndice (Evangelho de Maria, traduzido do copta (p.665-668) e nota introdutória (p. 11-15). A primeira parte documental está organizada em Evangelhos Biográficos (cinco textos, p. 18-288), Relatos da Paixão de Cristo (cinco textos, p. 288-455), Fragmentos em grego do Evangelho de Tomé (p. 456-463), Evangelhos de teor gnóstico (quatro textos, p. 464-485), Fragmento do Evangelho Místico de Marcos (p. 486-495), Epístola de Lúcio Lântulo (p. 496-500).

Resenha submetida em 04 de outubro de 2023 e aprovado em 07 de dezembro de 2024.

* Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Mestre em Antropologia Social pela mesma Universidade. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-0183-7622. E-mail: ppfunari@uol.com.br.

Já na nota introdutória, esclarece que apócrifo quer dizer “escondido”, “secreto”, sem associação necessária com algo falso ou herético. Os apócrifos de teor biográfico foram lidos, copiados e traduzidos na Antiguidade Tardia e na Idade Média, sem reprovação doutrinal. No conjunto, a leitura destes textos marginalizados do cânone do Novo Testamento deixa-nos vislumbrar a diversidade de percepções sobre Jesus e seus seguidores. Os textos biográficos, sempre relidos, deram origem a narrativas no imaginário ocidental, como sobre a gruta de Belém ou a presença do boi e do burro na Natividade. Esses relatos biográficos inseriam-se na apologética cristã e, também, para confrontar percepções politeístas e judaicas dos seguidores de Jesus, ao expressar uma retórica antipagã e antijudaica. A concepção virginal de Maria, ausente nas cartas de Paulo, da década de 50 e mesmo no Evangelho mais antigo (Marcos), talvez da década de 70, encontra-se nos apócrifos contra a acusação de adultério ou prostituição de Maria, mãe de Jesus. A responsabilização dos judeus pela crucificação de Jesus visava exonerar os romanos da aplicação da pena de morte, ainda que a execução na cruz fosse apanágio exclusivo romano e que os judeus, por isso, não pudessem ser os responsáveis pela morte de Jesus.

Frederico Lourenço, em suas traduções, está sempre muito atento ao contexto antigo. No Evangelho de Pseudo-Mateus traduz *pueri* (escravos p. 120-121; 166-167), *mercenarii* (jornaleiros), *gregarii* (servidores, ambas p. 122-123), *puella* (escrava), a mostrar a diversidade de status sociais em volta de Joaquim, pai de Maria. Verte *commixtio* (mistura) por coito (p. 198-199), para explicitar a virgindade permanente de Maria (Natividade de Maria), assim como *redemptor mundi* é vertido por Salvador do mundo (p. 400-401, Descida de Cristo aos infernos), para destacar a salvação. O mesmo vale para (p. 474-473. Grandes Questões de Maria) συναναμίγνυσθαι *sun-ana-mignusthai*, vertido como “ter relações sexuais”, bem mais direto do que “associar-se a”. O tradutor busca antes a clareza de sentido.

Os eruditos comentários tratam de inúmeros aspectos, como à origem da imagem da gruta de Belém e dos presépios no Evangelho de Tiago (p. 510). O Evangelho de Tomé sobre a Infância de Jesus dá indicações sobre os cristãos que o produziram ou leram de que Jesus era falante do grego. Defende que, do ponto

de vista histórico, é possível que Jesus fosse falante do grego, além do aramaico, já que a área de sua atuação era, de fato, bilíngue e podia Jesus sentir-se tão à vontade em um idioma, como em outro (p. 512-513). Importante avaliação, frente à visão, ainda majoritária, de que Jesus era analfabeto e falante do aramaico. O Evangelho de Pedro, talvez datado de meados do segundo século, pode ser o relato mais antigo da morte e ressurreição de Jesus (p. 520) e no qual Maria Madalena aparece como discípula (μαθήτρια) (p. 524). Em A Descida de Cristo aos Infernos o nome empregado para inferno é Hades (p. 527), algo que se turva na tradução latina (inferno). No Evangelho de Maria (Madalena) nunca aparecem Jesus ou Cristo, mas salvador σωτήρ, bem-aventurado μακάριος e senhor κύριος, sem Deus, mas no neutro o bem (Ἄγαθων) (p. 630), sendo Pedro desafiado (p. 632), em confronto com a Igreja. Nas Grandes Questões de Maria, reforça-se a condenação gnóstica da procriação de filhos (p. 642). O Evangelho de Filipe, em grego, parece guardar marcas de línguas semíticas, ao sugerir que espírito πνεῦμα, palavra neutra, é apresentada como feminino, como em hebraico רִיחַ, *ruah*, a respiração (p. 645).

Essa acurada edição dos Evangelhos Apócrifos gregos e latinos apresenta tanto um rico tesouro histórico, religioso, cultural, antropológico, disponível no original, para o especialista, como em vernáculo, para o público em geral. Em seguida, os alentados e eruditos comentários, sempre bem apoiados em literatura extensa e exaustiva, fornecem considerações tanto específicas, como genéricas da mais alta relevância. Frederico Lourenço não deixa de opinar, frente às múltiplas controvérsias historiográficas, sem deixar de apresentar os outros argumentos e pontos de vista. Está é uma obra de referência em português, um verdadeiro tesouro, como documento para estudiosos dos mais variados campos, da religiosidade, ciências da religião e Teologia, à História, Antropologia e Filosofia. Quem conclui a leitura sai muito mais rico e inspirado a interpretar e mesmo a mudar o mundo, o que não é pouco.